

## **Covid-19 e automedicação em discentes e docentes de uma instituição de ensino superior privada, no Norte do Brasil**

**Covid-19 and self-medication in students and teachers of a private higher education institution in Northern Brazil**

**Covid-19 y automedicación en estudiantes y profesores de una institución privada de educación superior en el norte de Brasil**

Recebido: 17/08/2022 | Revisado: 28/08/2022 | Aceito: 31/08/2022 | Publicado: 08/09/2022

### **Gabriela Andrade Cavalcante**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0588-8566>  
Centro Universitário São Lucas, Brasil  
E-mail: [gaby-cavalcante@outlook.com](mailto:gaby-cavalcante@outlook.com)

### **Sissy Melo Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3894-0068>  
Centro Universitário São Lucas, Brasil  
E-mail: [sissymelo96@gmail.com](mailto:sissymelo96@gmail.com)

### **Guilherme Holanda Alvares Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4213-7155>  
Centro Universitário São Lucas, Brasil  
E-mail: [gui\\_holanda@live.com](mailto:gui_holanda@live.com)

### **Anitha de Cássia Ribeiro da Silva**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2079-9457>  
Centro Universitário São Lucas, Brasil  
E-mail: [anithadecassia@gmail.com](mailto:anithadecassia@gmail.com)

### **Arlindo Gonzaga Branco Junior**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4821-8677>  
Universidade Federal de Rondônia, Brasil  
Fundação Oswaldo Cruz, Brasil

Programa de Pós-graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte, Brasil  
E-mail: [gonzaga.arlindo@gmail.com](mailto:gonzaga.arlindo@gmail.com)

### **Resumo**

**Introdução:** O fácil acesso a farmácias e aquisições de medicações torna uma prática diária, tal fato tomou maiores proporções diante da pandemia de COVID-19 e da difusão de informações pelas mídias digitais. **Objetivo:** verificar a prevalência de automedicação no tratamento da COVID-19 entre discentes e docentes. **Métodos:** estudo quantitativo, descritivo e transversal com aplicação de questionário para avaliação do uso de automedicação por discentes e docentes de uma instituição de ensino superior. **Resultados:** 63,6% dos entrevistados discentes não tiveram sintomas para COVID-19, já os docentes ficaram em torno de 50%, 66,7% dos docentes não tomaram medicações para combate ao vírus, ao analisar os discentes 36,8% fizeram uso de medicações e a taxa de automedicação girou em torno de 25% entre os discentes e 33% dos docentes, ao serem questionados se a medicações escolhidas faziam efeito mesmo sem comprovação, 34,9% informaram que talvez e 18,6% dos discentes informaram que sim, já 41,7% dos professores acham que tais medicações podem fazer efeito mesmo sem comprovação científica. **Conclusão:** nota-se que mesmo a amostra tenha sido de um ambiente da área da saúde verifica-se que deve ser buscada as motivações para crenças não baseadas na ciência e na medicina baseada em evidência.

**Palavras-chave:** Coronavírus; Automedicação; Estudantes; Medicina.

### **Abstract**

**Introduction:** easy access to pharmacies and medication purchases makes it a daily practice, this fact has taken on greater proportions in the face of the COVID-19 pandemic and the dissemination of information through digital media. **Objective:** to verify the prevalence of self-medication in the treatment of COVID-19 among students and teachers. **Methods:** quantitative, descriptive and cross-sectional study with application of a questionnaire to assess the use of self-medication by students and professors of a higher education institution. **Results:** 63.6% of the students interviewed had no symptoms for COVID-19, whereas the professors were around 50%, 66.7% of the professors did not take medication to combat the virus, when analyzing the students 36.8% did medication use and the rate of self-medication was around 25% among students and 33% of professors, when asked if the chosen medications were effective even without proof, 34.9% reported that maybe and 18.6% of students informed that yes, 41.7% of the

teachers think that such medications can be effective even without scientific evidence. Conclusion: it is noted that even the sample was from a health area environment, it is verified that motivations for beliefs not based on science and evidence-based medicine should be sought.

**Keywords:** Coronavirus; Self-medication; Students; Medicine.

### Resumen

Introducción: el fácil acceso a las farmacias y la compra de medicamentos hace que sea una práctica cotidiana, este hecho ha tomado mayores proporciones ante la pandemia del COVID-19 y la difusión de información a través de medios digitales. Objetivo: verificar la prevalencia de la automedicación en el tratamiento de la COVID-19 entre estudiantes y docentes. Métodos: estudio cuantitativo, descriptivo y transversal con aplicación de un cuestionario para evaluar el uso de automedicación por parte de estudiantes y profesores de una institución de educación superior. Resultados: El 63,6% de los estudiantes entrevistados no presentaba síntomas de COVID-19, mientras que los profesores rondaban el 50%, el 66,7% de los profesores no tomaba medicación para combatir el virus, al analizar a los estudiantes el 36,8% hacía uso de medicación y la tasa de automedicación rondaba el 25% entre los estudiantes y el 33% de los profesores, cuando se les preguntó si los medicamentos elegidos eran efectivos aún sin pruebas, el 34,9% informó que tal vez y el 18,6% de los estudiantes informó que sí, el 41,7% de los profesores piensa que tal los medicamentos pueden ser efectivos incluso sin evidencia científica. Conclusión: se constata que aun siendo la muestra del ámbito del área de la salud, se verifica que se deben buscar motivaciones para creencias no fundamentadas en la ciencia y la medicina basada en la evidencia.

**Palabras clave:** Coronavirus; Automedicación; Estudiantes; Medicina.

## 1. Introdução

No ano de 2019 em Wuhan, na China, foi observado o surto de uma nova cepa do coronavírus que se caracterizou como pandemia pela Organização Mundial de Saúde em março de 2020 (Wit, et al., 2016; Soares et al., 2021). Consoante Soares KHD et al (2021) o denominado SARS-coV-2 pertence à família Betacoronavírus e possui como patogênese a destruição das paredes alveolares ocasionando a perda da interface entre o espaço alveolar e o estroma circundante o que promove o vazamento de fluido e preenchimento dos sacos alveolares.

A síndrome causada pelo vírus SARS-CoV-2 teve o primeiro caso confirmado no Brasil no dia 26 de fevereiro de 2020 (Ministério da Saúde, 2020). As intervenções iniciais propostas pela China foram de intervenções não farmacológicas, como: distanciamento social, isolamento de casos e contato até o bloqueio total, popularmente conhecido com lockdown como formas de conter o avanço da epidemia (Cavalcante et al., 2020).

A pandemia ao longo dos meses foi se apresentando como um dos maiores desafios sanitários em escala global ao passo que na metade de abril de 2020 estavam descritos mais de 2 milhões de casos e 120 mil mortes em todo o mundo por COVID-19, no Brasil tinha sido registrado 21 mil casos e confirmados 1200 mortes (Werneck & Carvalho, 2020). Assim iniciou a repercussão da pandemia pelo país que atingiu todos os estados e cidades da federação, sem um protocolo testado e aprovado no combate à doença, isso proporcionou especulações e diferentes protocolos experimentais no uso de medicamentos como Ivermectina, Azitromicina, Hidroxicloroquina, Dexametasona e outros compostos (Gama & Secoli, 2017).

Ainda não há formas eficientes de combate nem tratamento do COVID-19, tudo depende de como o organismo da pessoa responde em presença da doença (Yang et al., 2020). O fato é que não sabemos exatamente com o que estamos lidando, por isso grupos de pesquisa de todo o mundo estão tentando desenvolver métodos diagnósticos, formas de vacinas e novos tratamentos medicamentosos que reduzam os efeitos da pandemia COVID-19. Por outro lado, equipes de saúde se preparam para receber, diagnosticar e tratar os infectados (Andreazzi D, 2020).

A automedicação por parte da população se iniciou de forma significativa devido a vários fatores como: inexistência de um medicamento específico para o vírus e de um tratamento efetivo e comprovado; a falta de uma vacina preventiva; influência dos fatores emocionais como medo e ansiedade presentes na população frente à superlotação dos hospitais e unidades de saúde; alto número de óbitos e outros (Patrì & Fabbrocini, 2020).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1998) a automedicação é a seleção e o uso indiscriminado e indevido de medicamentos por pessoas com o intuito de tratar sintomas ou doenças autodiagnosticadas através do uso de medicamentos adquiridos sem prescrição médica. Entretanto, o uso de medicamentos sem a supervisão médica contribui para o aumento de resistência bacteriana, além disso, pode mascarar sintomas presentes previamente ou até mesmo impedir na descoberta do diagnóstico correto, resultando assim, em graves problemas de saúde pública, aumento dos gastos no tratamento, aumento na permanência em hospitais e na dificuldade do tratamento. (Gama & Secoli, 2017; Domingues et al., 2017).

Dentre os principais motivos da automedicação, estão: experiência no tratamento do sintoma ou doença prévia, conhecimento da doença, limitação de recursos financeiros, indisponibilidade para consulta médica, além de faixa etária elevada (Gama & Secoli, 2017). Logo, segundo os mesmos autores, observa-se que quanto maior o contato com algum sintoma ou doença e também maior o conhecimento, maior é a chance dos indivíduos se automedicarem pela falsa alusão de autoconhecimento a respeito do tratamento. Diante disso, em consonância, mostra-se que estudantes apresentam uma taxa de prevalência que varia entre 38,8% a 97,8% em relação à automedicação.

Neste seguimento, considerando a alta prevalência da automedicação na sociedade, assim, o objetivo deste trabalho é avaliar a prevalência e os fatores desencadeadores da automedicação entre os estudantes de medicina na cidade de Porto Velho durante o auge da pandemia de COVID-19.

## **2. Metodologia**

Trata-se de um estudo transversal, descritivo e quantitativo que avaliou os hábitos de automedicação para Covid-19 em acadêmicos e docentes de um curso de medicina do norte do país. Esse curso possui um quantitativo médio de 1200 alunos distribuídos entre o primeiro e décimo segundo período e de 112 docentes das diversas matérias que integram o curso.

O modelo de questionário usado foi semelhante ao do estudo realizado por Servedone et al., (2006). A aplicação do questionário foi voltado aos alunos que cursam medicina e estavam devidamente matriculados na instituição de ensino superior. Sendo incluídos homens e mulheres maiores de 18 anos que estavam entre o primeiro ao décimo segundo período e a duração da coleta de dados foi de 30 dias.

A coleta de dados foi realizada por meio da montagem de um questionário proveniente do Google Forms, em que a primeira etapa do preenchimento consistia na explicação do que consistia a pesquisa, quem era o pesquisador responsáveis e auxiliares, sendo discriminado os dados e contato para solucionar eventuais dúvidas, na segunda página foi discriminada o termo de consentimento livre e esclarecido e dado a opções de preenchimento conforme a vontade de participar da coleta de dados. Por fim na última página foi transcrito as perguntas presentes no questionário.

O envio para a população de acadêmicos e docente foi realizado por meio de mensagens de texto nos aplicativos de comunicação digital com uma explicação prévia do que consistia o formulário e convite a ser preenchido.

O questionário aplicado está composto pelas alternativas que correspondem a análise do: Sexo, idade, ano do curso, se usou medicação para o covid-19, qual medicação foi usada, quem orientou sobre a medicação, quanto tempo usou a medicação, se a compra foi com ou sem receita médica, se indicou a medicação para colegas ou familiares, o que motivou a automedicação e quantas vezes se automedicou com a finalidade de prevenção ao covid-19. No que tange ao questionário para os professores avaliou-se: área de especialidade, se os alunos recorriam solicitando medicação, se também fizeram uso de automedicação e se orientou medicação para colegas e familiares.

Com base nesses critérios, todos os dados obtidos foram registrados em uma planilha no programa Microsoft Office Excel 2016 para tabulação dos dados, e a descrição e discussão do levantamento foi realizado pelo programa Microsoft Office Word 2016.

O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética e pesquisa do Centro Universitário São Lucas em 18 de setembro de 2020, sob parecer 4.285.685 e CAAE 37153820.0.0000.0013.

### 3. Resultados

Foram obtidas 270 respostas do questionário aplicado, sendo que 258 correspondeu a respostas dos discentes e 12 foram respostas dos docentes. Na análise dos dados correspondente aos discentes, houve predomínio do sexo feminino, com 178 (69%). Em relação à idade, houve prevalência da faixa etária entre 21 e 30 anos (62,4%) no formulário dos discentes.

A respeito do período que estão cursando, os discentes do 4º ano foram os mais prevalentes nas respostas, com cerca de 94 (36,4%), seguido do 3º ano (22,9%), 1º ano (17,1%), 2º ano (11,6%) e 6º ano (6,2%). Sobre a data da última consulta médica, a maioria respondeu que foi entre 3 meses e 1 ano, sendo 68 (26,4%) dos indivíduos. Quando questionados sobre ter tido sintomas ou terem sido diagnosticados com COVID-19, a maioria respondeu não, cerca de 164 (63,6%) discentes. Sobre terem tomado algum medicamento a fim de combater o COVID-19 a maioria respondeu não, sendo 163 (63,2%) discentes, aos que responderam sim, sendo 94 (36,8%) estudantes, foi-se questionado o tempo de uso da medicação, e predominou o tempo entre 1 semana a 15 dias, com 30 (12%) e 3 a 5 dias, sendo 22 (8,9%) discentes.

Logo em seguida, foi questionado sobre o porquê do uso da medicação, a maioria respondeu tratamento (19,4%) no questionário dos discentes. Caso a resposta fosse tratamento, foi indagado quais sintomas haviam sentido, em sua maioria, respondeu dores musculares ou cefaleia (20,2%) e febre (11,6%).

Logo em seguida, foi refutado, o porquê de escolher tomar a medicação, a maioria respondeu que foi através de prescrição médica (18,2%) seguido de indicação de amigos ou familiares (17,1%) no questionário dos discentes. Quando questionados sobre qual o medicamento de escolha, os discentes responderam em sua maioria, o uso da Ivermectina (30,6%) e Azitromicina (14,7%).

Por fim, foi indagado se acreditavam que esses medicamentos fazem algum efeito mesmo sem comprovação científica, a maioria dos discentes responderam que não (46,5%), seguido de talvez (34,9%) e sim (18,6%). Quanto a análise se já havia tomado a medicação e os motivos pelos quais decidiu tomar, quais sintomas o paciente apresentou e quais medicações tomou, está disposta na Tabela 1.

**Tabela 1** - Análise do processo de automedicação.

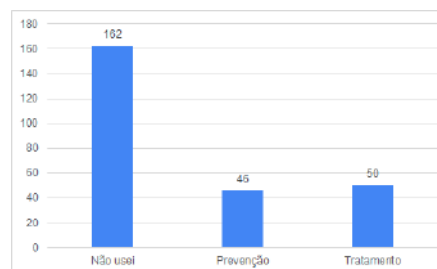
Perguntas	N	%
<b>Caso tenha usado medicamentos, porque usou a medicação?</b>		
Prevenção	46	17,8
Tratamento	50	19,4
Não usei	162	62,8
<b>Porque escolheu tomar?</b>		
Não tomei	161	62,4
Prescrição médica	47	18,2
Indicação de amigos ou familiares	44	17,1
Indicação da internet ou televisão	6	2,3
Autoconhecimento	18	7
<b>Quais sintomas você possuiu?</b>		
Não utilizei medicamento	186	72,1
Dores musculares e cefaléia	52	20,2
Tosse	31	12

<b>Febre</b>	30	11,6
<b>Inflamação na garganta</b>	29	11,2
<b>Fui testado positivo e comecei o tratamento</b>	25	9,7
<b>Anosmia</b>	20	7,8
<b>Ageusia</b>	18	7
<b>Dispneia</b>	18	7
<b>Outros</b>	27	10,5
<b>Qual medicamento utilizou?</b>		
<b>Não usei</b>	161	62,4
<b>Ivermectina</b>	79	30,6
<b>Azitromicina</b>	38	14,7
<b>Hidroxicloroquina</b>	16	6,2
<b>Fitoterápicos</b>	15	5,8
<b>Dexametasona</b>	13	5
<b>Cloroquina</b>	5	1,9
<b>Levofloxacino</b>	5	1,9
<b>Outros medicamentos</b>	32	12,4

Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O Gráfico 1, apresenta a razão da automedicação entre os discentes, sendo possível observar as crenças envolvidas no processo. Sendo possível observar que a maioria não sabia o motivo da automedicação, uma pequena parcela acreditava que poderia ser uma alternativa de prevenção e por fim aqueles que acreditam que poderia ser útil como tratamento, mesmo não havendo comprovações científicas que embasassem.

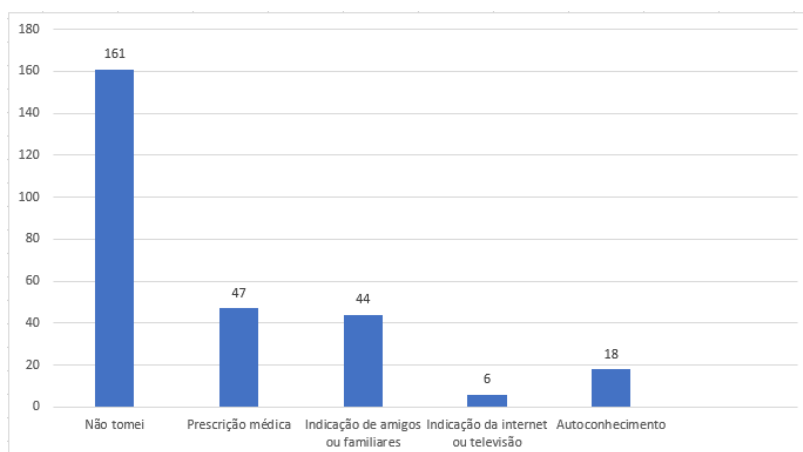
**Gráfico 1 - Razão da automedicação entre os discentes**



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O Gráfico 2 representa o motivo da escolha do início da medicação. A minoria dos pacientes usou por prescrição médica, indicação de amigos, por meio da influência da internet ou televisão e por fim por autoconhecimento.

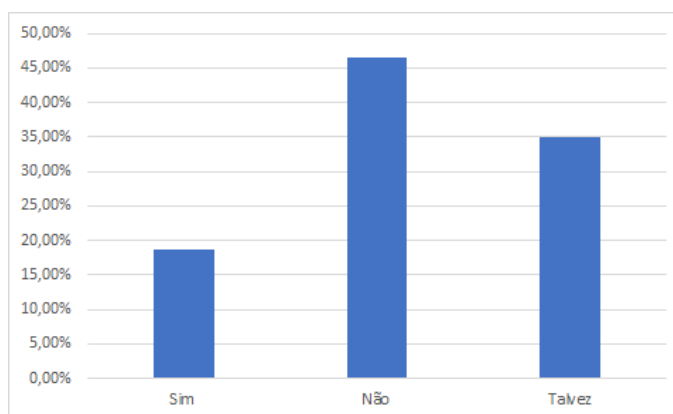
**Gráfico 2 - Por que escolheu iniciar o uso da medicação.**



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

O Gráfico 3 analisa a crença na eficácia da medicação mesmo sem comprovação científica, sendo que um número expressivo mantém crença e talvez acredite.

**Gráfico 3 - Acreditam na eficácia sem comprovação científica**



Fonte: Dados da pesquisa (2020).

Quando avaliado as respostas dos docentes o predomínio do gênero foi do sexo feminino representando 83,3% (n=10) dos participantes. A faixa etária prevalente foi entre os 21 a 30 anos (33,3%) e 41 e 50 anos (33,3%). No que tange ao ano que os docentes lecionam os mais prevalentes corresponde ao 3º ano (33,3%) e 5º ano (33,3%)

A data da última consulta médica foi entre 3 meses e 1 ano, conferindo (41,7%). Metade dos docentes (50%) relatou não ter tido sintomas ou não terem sido diagnosticados com COVID-19, entretanto 5 docentes (41,7%) relataram ter tido sintomas ou terem sido diagnosticados.

Majoritariamente (66,7%) dos docentes não tomaram nenhum medicamento com o intuito de combater a COVID-19. Em relação aos que utilizaram algum medicamento, somente 25% utilizou algum medicamento com duração de 1 semana a 15 dias.

A maioria não utilizou nenhum medicamento (66,7%), porém os que utilizaram tiveram como motivo da automedicação o tratamento para a COVID-19, conferindo 25%. Além disso, os docentes que realizaram o tratamento apresentaram como principais sintomas as dores musculares e/ou cefaleia (33,3%), seguido de anosmia (25%) e ageusia (25%).

A escolha da automedicação entre os docentes foi por autoconhecimento (33,3%) e através da prescrição médica (25%). Quando questionados sobre qual o medicamento de escolha. Já em relação aos docentes, a maioria respondeu ter realizado uso da Ivermectina (33,3%) seguido de Hidroxicloroquina, Azitromicina, Dexametasona e Fitoterápicos (25%). Para os docentes houve um empate entre os que não acreditam (41,7) e os que acreditam (41,7%) que os medicamentos possuem algum efeito mesmo sem comprovação científica.

#### 4. Discussão

O primeiro caso no Estado de Rondônia foi diagnóstico em 20 de março de 2020 e com ele um lento processo de estruturação da rede hospitalar centrado na disponibilidade de leitos de terapia intensiva, diagnóstico centralizado no Laboratório Central de Saúde Pública e por testes rápidos. O governo do Estado de Rondônia, por meio do decreto de número 24.871, de 16 de março de 2020, estabeleceu situação de emergência no Estado, dispondo sobre medidas preventivas acerca da veiculação do coronavírus na população rondoniense (Rodrigues & Escobar, 2020).

O padrão de infecção no Estado, inicialmente seguiu com o comportamento de duplicação dos números de casos entre a primeira e sexta semana, e a partir desta variou com aumentos em torno de 50 a 60% até a décima segunda semana e a partir da 13ª os casos aumentaram em 20 a 30% e nas últimas semanas o aumento girou em torno de 15% (Rodrigues & Escobar, 2020).

As maiores taxas de incidência de COVID-19 no Brasil encontram-se na região norte, sendo representada por 2843 o que corresponde por 1 caso a cada 100 mil habitantes, o Estado de Rondônia até a 20ª semana epidemiológica registrou 3027,5 casos por 10 mil habitantes e mortalidade em torno de 62,4 óbitos por 100 mil habitantes (Escobar et al., 2020).

Seguindo um padrão observado em todo o país algumas medicações foram propostas como medidas terapêuticas para um possível tratamento, denominados tratamento reposicionados ou Kit COVID, sendo os mais usados a hidroxcloroquina, ivermectina, nitazoxanida, azitromicina e remdesivir, no entanto, ainda hoje não há evidências científicas que justifiquem o uso dessas medicações na terapia contra a covid-19 (Pinto et al., 2021)

No estado de Rondônia não foi diferente, sendo visualizado um significativo processo de adesão a esses medicamentos e automedicação que ainda é uma prática comum, mesmo naquelas doenças que não possuem terapia medicamentosa definida ou mesmo nas patologias que necessitam de exames diagnósticos, podendo ressaltar também a automedicação de drogas que exigem prescrições médicas e supervisão de um profissional de saúde (Naves et al., 2020).

Diante disso, ao avaliar a automedicação em estudantes e discentes de uma instituição observamos que embora houve aumento expressivo nos números de casos, os dados se mostraram predominantemente a favor da não medicação profilática ao coronavírus nas duas populações analisadas. Isso pode ser compreendido visto à maior quantidade de entrevistados estava no 4º ano da faculdade ou próximo disso, proporcionando-os maior discernimento para não realizar a automedicação. Esse resultado vai contra a pesquisa Fachinello (2019) que constatou que o maior índice de automedicações ocorre no 4º ano da faculdade. A pesquisa ocorreu na mesma instituição de ensino da presente pesquisa, observa-se uma mudança no perfil de automedicação.

Os resultados encontrados de automedicação vão contra a hipótese inicial de que o alarde midiático traria impacto incentivando a automedicação profilática ou curativa. Os resultados dessa pesquisa mostraram que na população analisada 66,7% dos docentes e 72,1% dos discentes do curso de medicina de Porto Velho/RO não utilizaram nenhum medicamento no combate ao coronavírus, e a segunda maior parcela que fez uso de medicamento o fez sob prescrição médica. O presente

estudo confirma achados da pesquisa realizada por Anderson Luras em acadêmicos de enfermagem no estado do Amazonas em 2016, onde alguns motivos para a automedicação é o reforço da mídia, falta de acessibilidade a consultas médicas de rotina (Luras et al.2016).

Ao contrário da Ivermectina, a segunda opção mais selecionada foi a Azitromicina, isso pois o tratamento que estava sendo utilizado nos centros médicos era composto de Azitromicina, Hidroxicloroquina e Zinco. Porém visto os dados de automedicação é possível que tenham acesso ao fármaco sem a necessidade de receita, já que a ANVISA exige retenção de receita na farmácia no ato da compra. Em estudo realizado por Marques et al. em 2020 afirmou que 75% dos acadêmicos afirmaram obter as drogas por aconselhamento com farmacêuticos, 81,3% por meio de conselhos de outras pessoas e 80,3% destes usuários já aconselharam outros indivíduos a comprar medicações. Isso corrobora com os dados coletados e a hipótese criada (Marques; Calil; Pacca, 2020).

Apesar de a maioria satisfatória ter optado pela não automedicação ou pela medicação prescrita por profissional, uma parcela considerável fez uso profilático de medicações que não apresentaram apoio científico no combate à doença. Ao ser questionado sobre a crença de que tais medicamentos podem ter eficácia no combate notamos que ao somar as respostas “talvez” e “sim” o valor supera com sobras a resposta “não”. Ou seja, mesmo no meio acadêmico há o pensamento de que o medicamento, mesmo não comprovado cientificamente, pode ter eficácia no combate à determinada doença. Os motivos ainda devem ser investigados, porém dentre as possibilidades destacam-se demora em resultados oficiais científicos frente a uma pandemia, não concedendo tempo hábil e fundamentação científica para escolher entre usar ou não determinado medicamento. Um estudo sobre “Efeito das ‘promessas terapêuticas’ sobre os preços de medicamentos em tempos de pandemia” de Minas Gerais em 2020 comprovou este dado ao afirmar o aumento nos valores de compra de medicamentos como dexametasona, ivermectina em 200% nas drogarias pesquisadas inclusive com aumento de preço proporcionado pela esperança de eficácia mesmo sem a comprovação científica (Paiva et al. 2020).

Em concordância com outros estudos sobre automedicação em acadêmicos da área de saúde, tem como principal fator a crença de que não seria necessária uma consulta com médico devido ao contato corriqueiro com os mesmos ou a autoconfiança em experiências anteriores apesar de que não haja nenhum protocolo aprovado cientificamente da eficácia contra o Covid-19. Segundo estudo de 2015 por Albuquerque evidenciou que a automedicação se tornou comum entre estudantes de medicina devido a fatores como contato direto com medicamentos, facilidade de aquisição e conhecimentos adquiridos ao longo do curso (Albuquerque et al. 2020).

## 5. Conclusão

Diante dos dados apresentados, verifica-se que apesar de ter havido uso de terapias medicamentosas entre os docentes e discentes, está ocorreu com recomendação médica, contrariando os dados brasileiros de automedicação sem prescrição. No entanto, nota-se uma falha quanto ao discernimento dos processos científicos e importância de atrelar o uso de uma medicação a comprovações da ciência, podendo analisar tal atitude como uma falha na formação da medicina baseada em evidência dos discentes e docentes. Assim, o levantamento pode indicar uma necessidade de novas abordagem a população que participou do estudo com métodos de educação continuada para atenuar possíveis incompreensões do processo de medicina baseada em evidência e aplicação métodos científicos para uso de medicações.

## Conflito de interesse

Não há conflito de interesse entre os autores deste trabalho.



## Referências

- Albuquerque, L., Franco, R.C., Silva, L. L., Dantas, A. F., Alencar, J. L., & SÁ, M. F. (2015) Avaliando a automedicação em estudantes do curso de medicina da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). *Revista acadêmica do centro de ciências médicas da Universidade Federal da Paraíba*. 1(1) <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rmp/article/view/18278>.
- Andreazzi, D. D. (2020). Coronavírus, o monstro microscópico na visão da ciência. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (46), 3606. <https://doi.org/10.25248/reas.e3606.2020>
- Arrais, P. S. D., Coelho, H. L. L., Batista, M. C. D. S., Carvalho, M. L., Righi, R. E., Arnau, J. M. Perfil da automedicação no Brasil. *Rev. Saúde Pública* 1997; 31: 71-7.
- BRASIL, Ministério da Saúde. Brasil confirma primeiro caso da doença. Ministério da Saúde, 2020. <https://www.saude.gov.br/noticias/agencia-saude/46435-brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus> .
- Cavalcante, J. R., Cardoso S. A. C., Bremm, J. M., Lobo, A. P., Macário, E. M., Oliveira, W. K., França, G. V. A. COVID-19 no Brasil: evolução da epidemia até a semana epidemiológica de 20 de 2020. *Epidemiolo. Serv. Saúde. Brafília*, 29 (4). 2020. <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000400010>
- Paiva, A. M., Pinto, A. W. S., Cançado, B. L., Chequer, F. M. D. (2020) Efeito das “promessas terapêuticas” sobre os preços de medicamentos em tempos de pandemia. *J. Health Biol Sci*, 8(1), 1 – 5 10.12662/2317-3206jhbs.v8i1.3407. <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/3407/1199> .
- Domingues, P. H. F., Galvão, T. F., Andrade, K. R. C., Arađjo, P. C., Silva, M. T., Pereira, M. G. (2017) Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Epimiologia e Serviços de Saúde*, 26(2) <https://doi.org/10.5123/S1679-49742017000200009>
- Escobar, A. L., Rodriguez, T. D. M., Monteiro, J. C. (2021) Letalidade e características dos óbitos por COVID-19 em Rondônia: estudo observacional. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 30(1) <http://dx.doi.org/10.1590/s1679-49742021000100019>.
- Fachinello, A. C. R., Rodrigues, A. K. G., Branco Junior, A. G., Bueno, G. R., Silva, H. M. A., Santos, I. M. P. AUTOMEDICAÇÃO ANALGÉSICA ENTRE OS ACADÊMICOS DO 3º E 8º PERÍODO DO CURSO DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR DE PORTO VELHO RONDÔNIA. *Revista Saber Científico, Porto Velho*, 8(2), 52 - 61, <<http://www.revista.saolucas.edu.br/index.php/resc/article/view/1163>>.
- Gama, A. S. M., Secoli, S. R. (2017) Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 38(1), 1447-1983 <http://dx.doi.org/10.1590/1983-1447.2017.01.65111>.
- Luras, A., Marques, A. A. F., Garcia, L. F. R., Santiago, M. B. Santana, L. K. L. (2016) Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade Faz Estado Faz Amazonas (Brasil). *Revista Portuguesa de Estomatologia, Medicina Dentária e Cirurgia Maxilofacial*, 2(57), 104 - 111, <http://dx.doi.org/10.1016/j.rpemd.2016.01.001>.
- Marques, Y. C., Calil, J. Á., Pacca, C. C. (2020) Perfil da automedicação com antibióticos por estudantes de medicina. *SANARCON 2020*, 78 - 82, <https://www.researchgate.net/profile/Andre>
- Naves, J. O. S., Castro, L. L. C., Carvalho, C. M. S., Merchán-Hamann, E. (2020) Automedicação: uma abordagem quantitativa das motivações. *Ciência e Saúde Coletiva*. Volume suplementar 1. 1751-1762, <https://doi.org/10.1590/S1413-81232010000700087>
- Patrì, A., Fabbrocini, G. (2020) Hydroxychloroquine and ivermectin: a synergistic combination for covid-19 chemoprophylaxis and treatment? *Journal Of The American Academy Of Dermatology*, 82(6), 221-221. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jaad.2020.04.017>.
- Santos P. C. B., Miranda, E. S., Osorio de Castro, C. G. S. (2021) O “Kit-covid” e o programa farmácia popular do Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 37(2). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00348020>
- Rodriguez, T. D. M., Escobar, A. L. (2020) A trajetória da pandemia por COVID-19. O que os números expressam na vigésima semana da pandemia em Rondônia? <https://www.unir.br/noticia/exibir/9065>
- Soares, K. H. D., Oliveira, L. S., Silva, R. K. F., Silva, D. C. A., Farias, A. C. N., Monteiro, E. M. L. M., Compagnon, M. C. (2021) Medidas de prevenção e controle da covid-19: revisão integrativa. *Revista eletrônica Acervo Saúde* 13 (2). 1-11. <https://doi.org/10.25248/reas.e6071.2021>
- Wit, E., Van Doremalen, N., Falzarano, D., Munster, V. J. (2016) SARS and MERS: recent insights into emerging coronaviruses. *Nat.Rev. Microbiol.* 14(8):523-534. 10.1038/nrmicro.2016.81
- Yang, X., Yu, Y., Xu, J., Shu, H., Xia, J.Á., Liu, H., Wu, Y., Zhang, L., Yu, Z., Fang, M. (2020) Clinical course and outcomes of critically ill patients with SARS-CoV-2 pneumonia in Wuhan, China: a single-centered, retrospective, observational study. *Lancet Respir.Med.* 10.1016/S2213-2600(20)30079-5
- Rondônia (Estado). Decreto nº 24.871, de 16 de março de 2020. Decreta situação de emergência no âmbito da Saúde Pública do Estado e dispõe sobre medidas temporárias de prevenção ao contágio e enfrentamento da propagação do COVID-19. *Diário Oficial do Estado de Rondônia* nº 49.
- Werneck G. L & Carvalho M. S. (2020) Pademia de COVID-29 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Cad. Saúde Pública*, 36 (5). 1 – 4. <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00068820>